

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE GEOGRAFIA**

MARIANA FARINA GOLINSKI

**SER HUMANO, NATUREZA E ILUSÃO: TEORIZAÇÕES ENTRE PERSPECTIVAS
GEOGRÁFICAS E PSICANALÍTICAS**

ERECHIM

2022

MARIANA FARINA GOLINSKI

**SER HUMANO, NATUREZA E ILUSÃO: TEORIZAÇÕES ENTRE PERSPECTIVAS
GEOGRÁFICAS E PSICANALÍTICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Geografia da Universidade Federal da
Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção
do título de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Reginaldo José de Souza

ERECHIM

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Golinski, Mariana Farina
SER HUMANO, NATUREZA E ILUSÃO: TEORIZAÇÕES ENTRE
PERSPECTIVAS GEOGRÁFICAS E PSICANALÍTICAS / Mariana
Farina Golinski. -- 2022.
f.:il.

Orientador: Doutor Reginaldo José de Souza

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Geografia, Erechim,RS, 2022.

1. Psicanálise. 2. Geografia. 3. Natureza. 4.
Ser-Humano. I. Souza, Reginaldo José de, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

MARIANA FARINA GOLINSKI

**SER HUMANO, NATUREZA E ILUSÃO: TEORIZAÇÕES ENTRE
PERSPECTIVAS GEOGRÁFICAS E PSICANALÍTICAS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciada em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca no dia 22/08/2022.

BANCA EXAMINADORA:

Assinaturas:


Prof. Dr. Reginaldo José de Souza – Orientador (a)


Prof. Mateus Eduardo da Rocha – Avaliador (a)


Prof. Ma. Talita Fernandes Gonçalves – Avaliador (a)

Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre me apoiaram em todos meus momentos, ao meu irmão que sempre esteve preocupado comigo, à todos meus amigos, em especial para minha dupla Stéfany Pereira e ao meu companheiro Lucas Gavazzoni que não pouparam esforços em me dar apoio emocional. Ao professor Reginaldo que me acalmou nos meus piores momentos e teve muita paciência comigo, respeitando nossos limites.

AGRADECIMENTOS

Agradeço de uma forma geral todas as pessoas da minha família e meus amigos que me deram forças para terminar este trabalho.

Aos meus pais que foram essenciais nesta trajetória e nunca largaram minha mão mesmo nos piores e mais difíceis momentos que, diga-se de passagem, foram muitos. Obrigada por confiarem em mim mesmo quando eu mesma não confiava.

Agradeço também a todos os meus colegas de graduação que cresceram comigo desde 2017.

Stéfany Pereira você tem um lugar especial nesse agradecimento por ser minha dupla durante toda a graduação e saiba o orgulho que eu tenho de você e da amizade que nós criamos pois, nos piores momentos nós conseguimos de uma forma inimaginável nos ajudar. Eu sou muito grata por ter te conhecido e mais grata ainda pela nossa amizade.

Leonardo Begnini, comigo desde o meu primeiro ano do ensino médio, obrigada por ter me acatado como sua sobrinha, por ter sido meu amigo, por ser meu melhor amigo, obrigada por me ajudar com a finalização deste trabalho!

Luis, Thamires, Marco, Kalinka, Raquel, Michele, Wander, vocês foram muito importantes igualmente para mim, sempre me deixando pra cima e nunca me deixando cair. O medo de esquecer algum nome aqui é complicado, mas a todos que não me deixaram cair eu deixo meus agradecimentos.

Agradeço minhas primas Ana Lúcia e Amanda que sempre estiveram me dando um apoio inexplicável e afirmando a minha capacidade de concluir o Trabalho de Conclusão de Curso quando nem eu mesma acreditava.

Às minhas tias Sivoneide e Siliane, além da minha prima Bruna que passaram isso comigo. Aos meus avós Verônica e Gelcy, obrigada por me perguntarem sempre como estava a faculdade e sempre preocupados comigo, agora posso dizer que está tudo bem.

Sidnei, você se foi muito antes de tudo isto acontecer, mas posso te afirmar que nosso amor pelo Grêmio é nosso elo em comum. Talvez saiba quanto eu já chorei com sua partida, porém deve saber o quão é importante pra mim.

À minha avó que se foi muito cedo Regina, obrigada por trazer a sua alegria para mim, de onde estiver saiba que sinto saudades eternas!

Agradeço meus tios Adelmo, Anselmo, Roberta, e ao meu pai Nelson por tirarem um tempo de suas férias e me mostrarem que o TCC é apenas mais um trabalho de tantos outros que eu realizei durante a graduação.

Aos meus tios Zuleica, Auderico e Neide por terem dado o maior suporte no início da graduação, serei grata eternamente por me disporem um lar e me ajudado com tudo.

Agradeço minha mãe Solange por não me deixar desistir e sempre me mostrar o outro lado, por desde sempre me ensinar a amar e a respeitar e por ser a pessoa mais inteligente que eu já conheci na vida, mãe eu te amo mais do que você possa imaginar.

Especialmente ao meu pai por ser a maior inspiração para ser professora. Desde pequenininha me levava à suas aulas e eu, sempre tímida, prestava atenção. Você é, sem dúvidas, a maior inspiração na vocação de professora.

Agradeço ao meu Professor Orientador Reginaldo por entender meu lado e sempre me dar o apoio necessário para a realização deste trabalho, sem você eu não conseguiria. Obrigada pela paciência inclusive, te admiro como ser humano e como professor.

Agradeço a todos os professores que me deram aula na Universidade Federal da Fronteira Sul.

Agradeço ao meu companheiro Lucas Gavazzoni que nunca me deixou desamparada e sempre esteve disposto a me ajudar em tudo que eu precisasse.

A minha psicóloga Céres Albé que foi peça primordial na conclusão deste trabalho.

Por fim agradeço à incrível Universidade da Fronteira Sul por ter me dado a oportunidade de cursar Licenciatura em Geografia de forma gratuita e ter me dado uma educação de muita qualidade.

Vivas àqueles que falharam! – Walt Whitman

RESUMO

A pesquisa tem como objetivo analisar uma possível relação entre concepções salvacionistas de natureza e o conceito de ilusão na perspectiva de Sigmund Freud. O mundo contemporâneo é permeado de ideais de salvação da natureza tendo-se em vista que, muitas vezes, os próprios seres humanos são colocados como os “vilões” contra a boa manutenção dos recursos. A questão é que não são todas as pessoas responsáveis pelos danos ambientais e isso deve ser questionado. Outro fator importante é que se deve compreender quais são os mecanismos psíquicos que afetam tanto o ser humano ao ponto de nos colocarmos como controladores plenos da natureza, ou seja, ao ponto de causar danos a ela ou ao ponto de nos sentirmos os seus “salvadores”. Este trabalho vai discutir tais questões, procurando teorizações interdisciplinares entre Geografia e Psicanálise.

Palavras-chave: Geografia, Psicanálise, Ser Humano, Natureza, Ilusão

ABSTRACT

The research aims to analyze a possible relationship between salvationist conceptions of nature and the concept of illusion in Sigmund Freud's perspective. The contemporary world is permeated with ideals of saving nature, bearing in mind that, many times, human beings are placed as the "villains" against the good maintenance of resources. The point is that not all people are responsible for environmental damage and this must be questioned. Another important factor is that one must understand what are the psychic mechanisms that affect the human being so much that we place ourselves as full controllers of nature, that is, to the point of causing damage to it or to the point of feeling like its "saviors". This work will discuss such questions, looking for interdisciplinary theorizations between Geography and Psychoanalysis.

Keywords: Geography, Psychoanalysis, Human Being, Nature, Illusion

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Guia Psicogeográfico de Paris elaborado por Guy Debord no ano de 1957.....	19
Figura 02: Édipo e a Esfinge.....	25
Figura 03: Édipo com os olhos feridos.....	27
Figura 04: Triangulação masculina do Complexo de Édipo.....	29
Figura 05: Triangulação feminina do Complexo de Édipo.....	30
Figura 06: Explicação visual sobre ID, EGO e SUPEREGO.....	31
Figura 07: Exemplo de Triangulação da Neurose Sociedade-Natureza.....	31
Figura 08: Narciso, por Caravaggio.....	33

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
Unifap	Universidade Federal do Amapá

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. GEOGRAFIA E PSICANÁLISE	16
3. DE SÓFOCLES A FREUD: ÉDIPO REI E O COMPLEXO	22
4. ILUSÃO E NARCISISMO	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
6. REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem um objetivo de demonstrar uma relação da geografia com a psicanálise, a ideia partiu de uma palestra da professora Marcia Soares¹ sobre a geografia das emoções que revela um novo mundo para os estudos geográficos com a psicologia.

Após isso quis desvendar um pouco mais desse “novo mundo” da geografia e entender as conexões destas duas ciências. Tive a oportunidade de descobrir mais sobre as relações entre Geografia e Psicologia em um minicurso intitulado *Introdução à Geografia Psicológica*² em junho de 2020. Disto surgiram os estudos de Geografia e Psicanálise da Professora Juliana Maddalena, por conta disso me propus a desenvolver estudos relacionando a questão da natureza dentro da geografia, e a relação com três vertentes da leitura Freudiana, estas são: Édipo, Ilusões e Narcisismo.

A problemática colocada aqui é justamente a relação dos seres humanos com os eventos da natureza, tentaremos entender as emoções e relações dos seres humanos com esta, ou seja, existe uma relação ilusória entre a sociedade e a natureza? Se sim, como isso ocorre?

A intenção deste trabalho é identificar as possíveis contradições das representações sociais oriundas do modo de apropriação da natureza relacionando com o conceito de Ilusão para Freud.

Considera-se esse trabalho relevante para uma nova contribuição que tem como finalidade entender a relação sociedade natureza de uma forma a aplicar as teses freudianas já citadas correlacionando-as aos estudos de Geografia.

A Geografia é considerada uma ciência que se preocupa com as relações sociedade-natureza e ela teve uma trajetória que perpassou desde ser uma ciência positivista até ser uma ciência crítica. Yves Lacoste (2011) pontua que, desde o fim do século XIX considera-se que existem duas Geografias, a primeira que seria mais

¹ Professora Doutora Marcia Alves Soares da Silva, professora Adjunta do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Cuiabá (UFMT).

² Realizou-se no mês de junho de 2020 o curso “Introdução à Geografia Psicológica” pela plataforma dos cursos livres da Universidade Federal do Amapá, ofertado pelo Prof. Msc Alexandro Francisco Camargo (Geografia/Universidade Federal do Amapá – UNIFAP), junto da Profª Drª Juliana Maddalena Trifilio Dias (Depto. de Educação/Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF) e da Profª Drª Márcia Alves Soares da Silva (Depto. de Geografia/Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT).

tradicional, moderna, preocupada com Estados, representações cartográficas, tudo isso pensando estrategicamente para a manipulação do poder. A segunda seria considerada dos professores que aparece, segundo o autor, como um discurso ideológico em que uma das funções inconscientes é a de mascarar a importância estratégica dos raciocínios centrados no espaço (LACOSTE, 2011, p. 31).

Atualmente temos Geografias que podem, de certa forma, ser consideradas pós-modernas, contemporâneas, culturais ou, como coloca Daniel Paiva em seu artigo *Teorias não-representacionais na Geografia: conceito para uma Geografia do que acontece* (2018). Pensando em todas essas questões, e acrescentando a subjetividade do sujeito em relação com a natureza, propõem-se investigar um vínculo entre a Psicanálise e a Geografia.

Objetivando realizar este vínculo, apresentar-se-á o conceito de Ilusão para o psicanalista Sigmund Freud o relacionando com eventos da natureza. Quando pensamos em natureza, apenas eventos físicos nos vêm à mente, porém, sustentando a tese de Holbach, no seu livro *Sistema Da Natureza Ou Das Leis Do Mundo Físico E Do Mundo Moral*, o ser humano não é um ser à parte da natureza. Holbach ainda afirma que:

Tem-se abusado visivelmente da distinção que tantas vezes se faz entre homem físico e homem moral. O homem é um ser puramente físico. O homem moral nada mais é do que esse ser físico considerado sob um certo ponto de vista, ou seja, relativamente a algumas das maneiras de agir decorrentes de sua organização particular. Porém, essa organização não é obra da natureza? Os movimentos ou maneiras de agir de que ela é suscetível não são físicos? Suas ações visíveis, assim como os movimentos invisíveis despertados em seu interior, que provêm da sua vontade ou pensamento, são igualmente efeitos naturais, consequências necessárias de seu mecanismo próprio e dos impulsos que ele recebe dos seres pelos quais está rodeado. (HOLBACH, 2010, p. 32)

Quando falamos em ilusão como conceito podemos pensar em diversos assuntos, principalmente no âmbito romântico amoroso: ilusões de amor. Porém, para Freud (1997, p. 49) a ilusão está presente quando, certos nacionalistas afirmam que a raça indo-germânica é a única capaz de civilização, ou seja, esse conceito tem como característica derivar de desejos humanos. Também, segundo Oliveira e Ceccareli (2019, p. 72) Freud define que a força da ilusão está no desejo infantil de proteção.

Oliveira e Ceccareli (2019, p. 73) em seu artigo sobre o livro *O Futuro de uma Ilusão de Freud* afirmam que para o autor, nosso desamparo, antes de tudo, é o desamparo frente à força da natureza, neste caso se atentam apenas à força da

natureza em um âmbito físico, desconsiderando as brutalidades humanas que se relacionam diretamente com a natureza, reforçando o que Holbach reconhece: o ser humano não é um ser à parte da natureza.

“O homem comum supõe que a distribuição desigual da chuva representa a vingança da natureza contra nossos atos pecaminosos”. Essa frase, retirada do livro *Luz do Bhāgavata - Descrições do Outono* do autor A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada do ano de 2016 e traduzido por Carlos Queiroz, pode ser relacionada com a teoria edípica de Freud, dando à natureza um papel paternal de severidade.

Para Freud, a religião está na *psique* infantil pois a criança teme o poder dos pais ao passo que confia e precisa da proteção deles. Vale ressaltar que Freud pontua que a principal forma de ilusão acontece com a confabulação de que irá aparecer um ser superior para a salvação das civilizações. Sendo assim, acredita-se que a Ciência Geográfica provavelmente se relaciona neste elo com a Psicanálise, por intermédio de explicações sobre eventos naturais, por exemplo surtos de dengue, o vírus SARS-CoV-2, que exterminam populações de forma rápida, majoritariamente aquelas de estratos sociais menos favorecidos, manifestando nossa impotência diante destes e a ilusão da salvação. Em consideração a isso, o presente trabalho procura verificar se de fato há uma relação ilusória entre a sociedade e a natureza e como esta ocorre.

Esta pesquisa procura a interdisciplinaridade entre Geografia e Psicanálise, levando em consideração o conceito de Ilusão, para Sigmund Freud, e sua possível relação com os eventos da natureza, a partir de um provável intento de controle da natureza na sociedade contemporânea e a ilusão do controle humano sobre esta.

2 GEOGRAFIA E PSICANÁLISE

Geografia e Psicanálise, quando separadas, entende-se o que ambas estudam mas, e quando colocadas para estudar juntas uma mesma questão? A Geografia se envolveu com a Psicanálise quando juntou laços com a Psicologia e, segundo Torres (2009), na criação da Psicogeografia. Essa Psicogeografia foi professada pelo movimento artístico letrista dos anos de 1950 na Europa. Segundo a autora, a primeira vez que esse termo foi citado ocorreu no dia 06 de setembro de 1955, numa revista intitulada “*Les lèvres nues*”. Procurando mais sobre essa revista, apresentam-nos ser uma revista belga da cidade de Antuérpia, fundada por Marcel Mariën e que teve uma interrupção de publicações em 1975. Essa revista faz parte do movimento de críticas pós-surrealistas do período pós-guerra de 1940-1945.

Pelas pesquisas feitas na dissertação de mestrado do professor Luiz do Monte *Deriva e Psicogeografia na cidade contemporânea: experimento situacionista no centro do Recife*, a Psicogeografia se apresentava, em meados dos anos 1950, como uma representação artística e mais ligada aos estudos de Geografia Urbana e da Arquitetura e Arte. Guy Debord - um escritor francês que em 1950 declarou sua associação com a Internacional Letrista que, estavam tratando de fundir poesia e música, e interessados em transformar a paisagem urbana - a definiu, pela primeira vez, como sendo o estudo das leis precisas e dos efeitos específicos do ambiente geográfico, conscientemente organizado ou não, sobre as emoções e o comportamento dos indivíduos”³ (GREENLAND).

Por interpretação, pode-se perceber o então interesse em assimilar toda a questão urbana de determinado local com o consciente e inconsciente das pessoas, o que nos leva à Psicologia.

Todavia, Debord não foi o precursor da então *Psychogeography* ou Psicogeografia. Partimos para *The London Psychogeographical Association*, ou A Associação Psicogeográfica de Londres. Segundo o jornalista Douglas Martin (2002) Ralph Rumney, em 1957 fundou, em um bar na Itália, a Internacional Situacionista, ou, *Situationist Internacional*, que era constituída por alguns letristas da época e

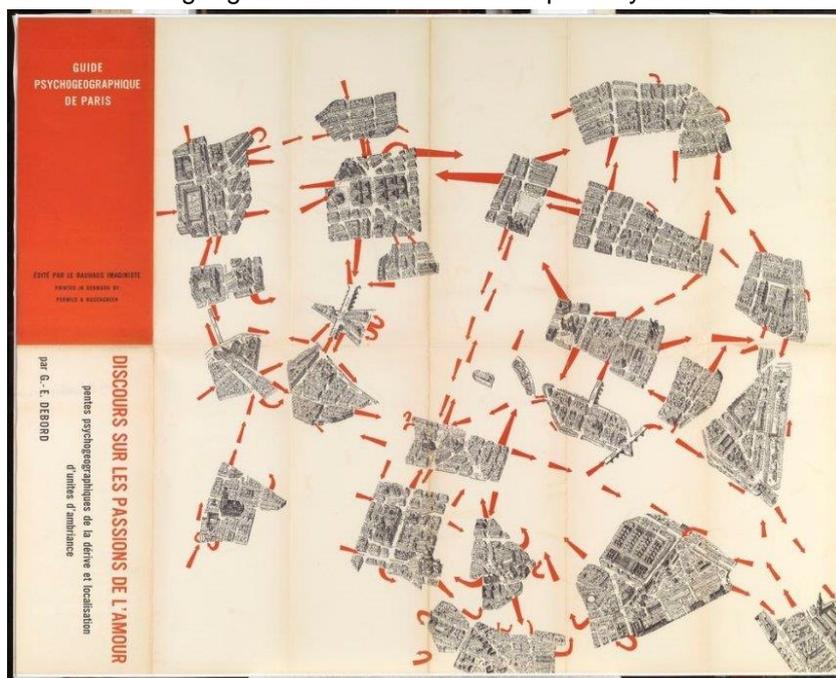
³No original: “the study of the precise laws and specific effects of the geographical environment, consciously organized or not, on the emotions and behavior of individuals.” <Disponível em: <https://arthausdotme.wordpress.com/2012/09/26/psychogeography/>. Acesso em: 10 dez. 2021.>

dividida em outros dois pequenos grupos, um deles *The London Psychogeographical Association*, porém Rumney era o único membro de tal associação, após a consolidação desta associação, ou seja, a entrada de mais membros, Rumney acabou sendo banido desta por não ter colocado em prática seu trabalho de tingir a Lagoa de Veneza com cores brilhantes, que tinha como intuito observar a reação das pessoas e estudar o fluxo da água.

Um fato curioso é justamente a Arquitetura ter se apropriado da psicogeografia com muita intensidade. Luiz do Monte, autor da dissertação acima citada, em uma entrevista para o *podcast* AntiCast, conceitua essa ciência como poesia e utopia, justamente por ela ter surgido no movimento Situacionista onde os artistas vinculados tinham uma visão anticapitalista que aspirava por grandes mudanças sociais e políticas. O professor reitera que a arte para eles tinha um viés de *práxis* vital, ou seja, que ela não fosse divergente da vida das pessoas. A crítica aqui colocada é o fato de, na entrevista, Monte não inserir a ciência geográfica de fato. Por exemplo, em uma de suas falas ele cita o Guia Psicogeográfico de Paris feito por Debord, e coloca esse guia não como sendo um mapa cartográfico, talvez por não estar dentro das normas técnicas cartográficas atuais, porém, para os autores Martinelli e Graça (2015, p. 914):

O mapa ratifica-se como uma expressão do raciocínio que o autor apreendeu diante da realidade, apreendida a partir de um determinado ponto de vista, ou seja, a própria opção de entendimento da realidade.

Figura 1 – Guia Psicogeográfico de Paris elaborado por Guy Debord no ano de 1957



Portanto pode-se notar certo equívoco quando, na entrevista, o professor Luiz do Monte, no minuto 21 do *podcast*, afirma que Debort, na produção deste Guia Psicogeográfico de Paris:

“(...) inverte a lógica da cartografia, na verdade ele desconstrói, por exemplo, bairros que não são próximos, ele aproxima. Ele pega o mapa e faz recortes no mapa e faz uma nova montagem desse mapa, como se fosse um procedimento de (...) montagem (...) e faz proximidades a partir de trajetos que ele fez (...)”

Ademais, diversas questões da Geografia das Emoções são citadas e nem percebidas, quando se entende por psicogeografia a dimensão de lugares a partir do consciente e inconsciente das pessoas podemos citar o trabalho da Professora Marcia Alves Soares da Silva onde ela expõe toda uma psicogeografia vinculando com autores como Yi-Fu Tuan e seus conceitos de Topofilia e Topofobia, por exemplo. Quando Silva, em seu trabalho *Por Uma Geografia das Emoções*, apresenta a recente discussão sobre esta ciência, explicita que a geografia das emoções busca conectar-se aos lugares a partir de uma dimensão do invisível, sendo um projeto de psicogeografia, que alia a psique e a geografia (2016, p. 108).

A impressão que se tem é justamente um retorno do conceito de psicogeografia para/com a ciência geográfica. Possivelmente, pelo olhar desta como sendo mais positivista, mais concreta, física e palpável este conceito foi sendo esquecido pelos geógrafos. É nítido sim a utilização da urbanização no caso da entrevista com o professor Luiz do Monte, porém, de uma forma mais voltada para a Arquitetura, portanto creio ser de extrema importância a visualização da “Geografia do que acontece” ou, de uma geografia subjetiva e, como coloca Daniel Paiva, de teorias não-representacionais. Isso significa que, segundo Thrift (*apud* PAIVA, 2017, p. 160), cada vez mais geógrafos e geógrafas estão se preocupando em realizar esta “geografia do que acontece”.

O interesse dessas teorias não-representacionais está em compreender os processos da vida cotidiana e explicar como espaços, estruturas, práticas, identidades e relações sociais produzem experiências e afetações no dia a dia que potenciam ou são geradas pelos acontecimentos mundanos (PAIVA, 2017, p. 160).

Entrando no tema específico da Psicanálise com a Geografia cito Juliana Trifilio Dias:

O encontro entre Geografia e Psicanálise trouxe muitas dúvidas sobre a possibilidade real de um fazer geográfico pautado na Psicanálise. Então foi preciso conhecer quem já havia avançado por estas terras, sob quais perspectivas haviam traçado seus caminhos e desvelar qual seria meu próprio caminhar. (DIAS, 2019, p.49)

A Professora Juliana Maddalena Trifilio Dias (UFJF), juntamente com a Professora Marcia Soares da Silva (UFMT) e o Professor Alexandro Francisco Camargo (Unifap) realizaram, em 2020, um curso nomeado *Introdução à Geografia Psicológica*, que tive o prazer de participar. Portanto, avancei pelos caminhos que estes professores já haviam traçado e me inspirei em suas referências.

Desenvolvendo o percorrer entre o enlace das duas ciências Geografia e Psicanálise, uso de base a tese de doutorado da Professora Juliana Trifilio intitulada *Lugar Geopsíquico: contribuições da Psicanálise para uma epistemologia da Geografia* e o livro *Psychoanalytic Geographies* editado por Paul Kingsbury e Steve Pile (2014). No artigo da autora Liz Bondi (2014) intitulado *On Freuds Geographies* presente no livro acima citado, a autora já nos expõe a ideia de Freud juntar a psicanálise com outros campos de atuação, como a educação.

Freud defendeu a colaboração entre a psicanálise e outros campos de prática. Por exemplo, sugeriu que psicanalistas e pedagogos pudessem trabalhar em conjunto no apoio ao desenvolvimento infantil, e especulou sobre a possibilidade de investir "dinheiro em formação em análise de assistentes sociais [...] e tornando-os numa força auxiliar para combater as neuroses culturais" (Freud 1926e/2002: 157 *apud* Bondi 2014, p.2).⁴

Juliana Dias, em sua tese de doutorado, aborda diversas questões muito pertinentes no que diz respeito a essa interdisciplinaridade entre essas duas ciências, seu foco principal é em Freud e nos lugares Geopsíquicos, conceito criado pela mesma. O capítulo 2 de sua tese, denominado *Rumo às terras incógnitas: o Inconsciente freudiano na reflexão geográfica*, temos uma grande análise acerca dessa maravilhosa junção de ciências. A autora começa expondo as *Terras Incognitae*, que nada mais são do que os locais/lugares do nosso inconsciente, uma vez que podemos afirmar que todos os lugares do mundo já foram fisicamente

⁴ No original: Freud argued for collaboration between psychoanalysis and other fields of practice. For example, he suggested that psychoanalysts and educationalists might work together in support of child development, and speculated about the possibility of investing 'money into training in analysis social workers [...] and making them into an auxiliary force to combat cultural neuroses' (Freud 1926e/2002: 157).

mapeados, mas se nos focarmos no nosso inconsciente, segundo os conceitos de Freud, percebemos diversos outros lugares da nossa *psique* que revelam a subjetividade de cada sujeito:

“Freud opõe ao mundo interior, que tende para satisfação pela ilusão, um mundo exterior que impõe progressivamente ao sujeito, por intermédio do sistema perceptivo, o princípio da realidade” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1997, p. 169). No entanto, apesar dessa diferenciação, a realidade psíquica é mediada pela realidade externa, o que permite a zona de contato entre os mundos interior e exterior, o que evidencia o alcance da realidade psíquica em nosso cotidiano. Este núcleo do psiquismo se refere à fantasia, ao desejo, à vida imaginária e, principalmente, à forma como a realidade é significada e nossa história representada para nós mesmos. Geograficamente, estou a considerar o contato e assimilação entre tais realidades no modo como experimentamos os lugares, os significamos para nós mesmos e como eles nos constituem. Não é aleatório que um lugar seja importante para uma pessoa e para outra não. É na dobra dessas realidades que o lugar se constitui e é vivido. Nossas experiências no presente e no passado são centrais nessa relação com os lugares, o modo como vivemos e nos lembramos está para além do que é factual. Existe algo que não definimos, conscientemente, mas que nos acompanha em nosso inconsciente, e que nos permite viver o mundo a partir de nossas experiências que tenho sinalizado como realidade psíquica. (DIAS, p.111, 2019).

Dessa forma, não podemos descartar os conceitos de Topofilia e Topofobia (Yi-Fu Tuan, 2012), uma vez que cada ser, inconscientemente e dentro da sua própria subjetividade tem sentimentos com determinados lugares e que em específicos momentos não conseguem explicar o porquê disto, aí que entra a super relação entre o inconsciente e os conceitos geográficos, que perpassam geografias positivistas e que aparecem com um viés até mesmo artístico, sutil e educativo.

Dias, por todo percurso traçado na sua tese, aborda muito a questão das terras incógnitas e em determinado momento pontua a importância dessas terras inconscientes na relação, constituição e produção do conhecimento geográfico (DIAS, 2019, p. 155). Ela apresenta que quando estamos em frente aos conceitos da psicanálise e selecionamos alguns para esse percurso de terras desconhecidas, isso preconiza um explorar geográfico com base na Psicanálise, ou seja, os conceitos psicanalíticos proporcionam à geografia uma base teórica. Esta geografia se faz neste paradoxo entre um caminhar que se faz conhecido e sempre no fazer com este desconhecido que fala em nós e que nos habita (DIAS, 2019, p. 156).

Liz Bondi (2014) traça um caminho entre a criação das práticas e teorias psicanalíticas de Freud as juntando com a geografia, por exemplo a questão do que a autora conceitua como sendo espaço e a relação com o Ego e Id:

imaginemos que o Eu [Ego] é a camada externa do aparelho mental, o Ele [Id], modificado pela influência do mundo externo (pela realidade). Você pode ver a partir disso como nós, na psicanálise, levamos a sério os conceitos espaciais. O Eu para nós é realmente a superfície, o Ele a camada mais profunda - como visto de fora naturalmente. (Freud 1926e / 2002: 106 *apud* BONDI, 2014, p. 09)⁵

Isto nos revela que essa camada externa do aparelho mental está, de certa forma, relacionada à espacialidade geográfica do sujeito:

Assim, embora Freud visse as diferenças entre os lugares como idiosincrasias locais que prejudicavam o desenvolvimento racional da psicanálise, ele encontrou ideias abstratas sobre o espaço essenciais para sua teoria e reconheceu que a posição do conhecedor importa: o que está na superfície e o que está no fundo depende da posição de cada um. (BONDI, 2014, p. 09)⁶

Isto posto, percebe-se que as contribuições de leituras sobre o tema, a participação em mini curso, o estudo abrangente que perpassa leituras é significativo para um entendimento de uma Geografia que vai além do tradicional, uma Geografia que nos apresenta um oceano de possibilidades. As autoras e autores citados tiveram uma enorme contribuição para o meu entendimento de que a ciência geográfica é algo que ultrapassa fronteiras e que, de certa forma, não tem fronteiras. Portanto ressalto que estas conexões feitas a partir de leituras, deixam um melhor entendimento sobre a interpolação da Geografia com a Psicanálise.

Os conceitos psicanalíticos aqui estabelecidos para esse trabalho tratam sobre a Ilusão e a Neurose para Freud, estes irão ser conceitualizados e relacionados com aspectos da relação sociedade-natureza.

⁵ No original: let us imagine that the I [Ego] is the outer layer of the mental apparatus, the It [Id], modified by the influence of the external world (by reality). You can see from this how seriously we in psychoanalysis take spatial concepts. The I for us really is the surface, the It the deeper layer – as seen from outside naturally. (Freud 1926e/2002: 106)

⁶ No original: Thus, although Freud viewed differences between places as local idiosyncrasies that detracted from the rational development of psychoanalysis, he found abstract ideas about space essential to his theory, and he acknowledged that the position of the knower matters: what is on the surface and what lies deep inside depends upon one's position.

3. DE SÓFOCLES A FREUD: ÉDIPO REI E O COMPLEXO

Antes do encaminhamento para o mito do Édipo Rei e posteriormente o Complexo de Édipo explicado por Freud, faremos uma breve introdução sobre a história dos mitos segundo Everardo P.G. Rocha (1981). Segundo este autor, o mito é uma narrativa (...) um costume das sociedades reproduzirem respostas para seus medos, angústias e inquietações.

Já quando unimos o mito de Édipo com seu Complexo, Rocha (1981, p. 178) afirma que tais mitos levam à diferentes interpretações, como forma de compreender uma determinada estrutura social (ROCHA, 1981, p. 178). Dentro desta explicação o autor afirma que a psicanálise, por vezes, interpreta mitos pois, estes permanecem no inconsciente humano coletivo, levando à uma verdade para uma comunidade.

Édipo Rei, uma peça teatral grega escrita por Sófocles por volta de 427 a.C. que conta, resumidamente, a história do rei de Tebas Laio e sua esposa rainha Jocasta, um casal que foi proibido pelo oráculo de ter filhos, pois a profecia dizia claramente que Rei Laio, se tivesse um filho, estaria amaldiçoado pelos deuses e seu filho o mataria e casaria com sua esposa (Jocasta). Laio sai do oráculo com essa informação desolado e sem acreditar. Depois de um tempo Jocasta e Laio tem um filho, no momento que este nasceu, Laio arrependido pede para seus sacerdotes o levarem para longe do reino de Tebas, próximo ao reino de Corinto, perfuram seus pés ao chão o deixando a própria sorte, com a vontade da morte do filho.

Sucedese que o filho foi encontrado por um Pastor e foi adotado pelos reis de Corinto. Édipo, após um tempo foi ao oráculo consultar seu destino, sem saber da informação de que era filho adotado, sua resposta sobre seu futuro, dada pelo oráculo, foi justamente matar seu pai e se casar com sua mãe. Inconsolável com a resposta do oráculo Édipo foge do reino de Corinto e no caminho da sua fuga se encontra com Laio, seu pai de sangue, sem saber que era seu verdadeiro pai, ambos entram em um conflito onde Édipo mata Laio.

Na entrada do reino de Tebas se encontrava uma esfinge que amaldiçoava a cidade e submetia todos que passassem por ela a um enigma. Caso o desafiado não respondesse corretamente ao enigma, então, a esfinge o matava -''decifra-me ou devoro-te''-. A pergunta feita para Édipo foi ''qual animal que pela manhã se locomove com quatro patas, pela tarde se locomove com duas patas e pela noite se locomove

com 3 patas?” Édipo, fica por um tempo em silêncio pensando na resposta e afirma “o ser humano, quando nascemos engatinhamos com as pernas e os braços, na infância e idade adulta nos locomovemos com nossas duas pernas e na velhice precisamos de uma bengala para caminhar, totalizando 3 pernas”. A esfinge incrédula e com vergonha de ter sido decifrada se joga de um penhasco e Édipo é nomeado Rei de Tebas, casando-se com Jocasta que foi presenteada por Creonte, irmão dela. Jocasta e Édipo tem 4 filhos, vivem uma vida sem saber que são mãe e filho até que uma peste começa a assolar o reino de Tebas.

Figura 02: Édipo e a Esfinge



Autor: Jean-Auguste Dominique Ingres

Creonte:
 Revelarei então o que ouvi do deus.
 Ordena-nos Apolo com total clareza
 Que libertemos Tebas de uma execração
 Oculta agora em seu benevolente seio,
 Antes que seja tarde para erradicá-la.
 Édipo:
 Como purificá-la? De que mal se trata?
 Creonte:
 Teremos de banir daqui um ser impuro
 ou expiar morte com morte, pois há sangue
 causando enormes males à nossa cidade.
 Édipo:
 Que morte exige expiação? Quem pereceu?
 Creonte:
 Laio, senhor, outrora rei deste país,
 Antes de seres aclamado soberano.
 Édipo:
 Sei, por ouvir dizer, mas nunca pude vê-lo. (SÓFOCLES, 497 a.C – 496 a.C)

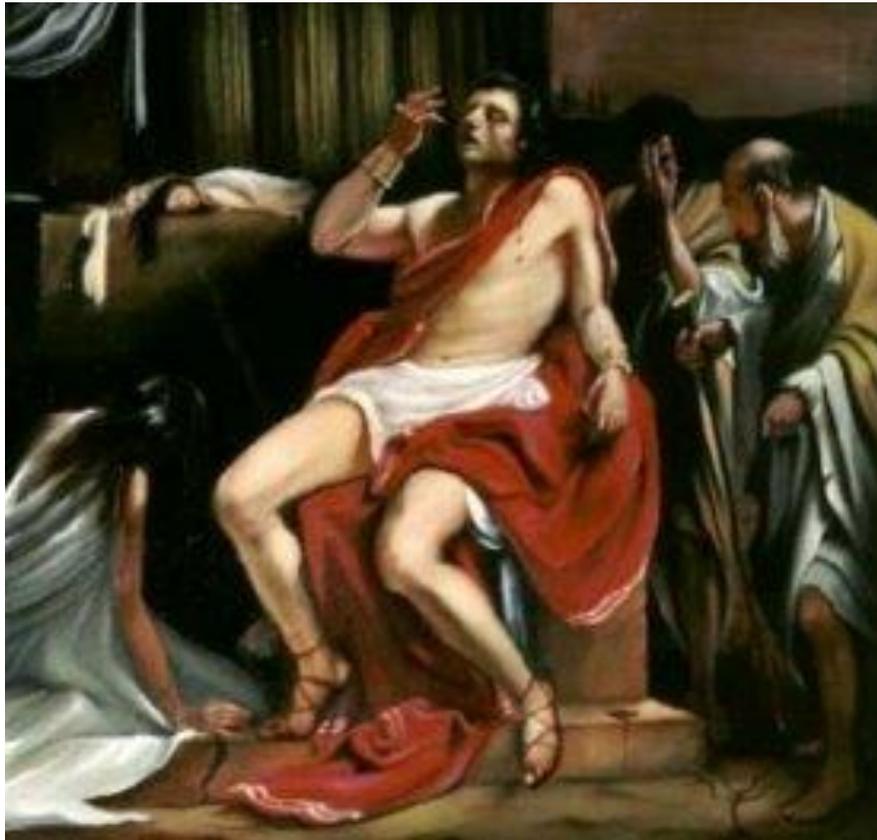
Após diversas conversas e tentativas de descobrir quem matou o antigo Rei Laio, Creonte manda chamar Tirésias, um profeta cego de Tebas que, sabendo o assassino de Laio se nega de todas as formas a entregar a verdade pelo bem de Édipo, até que Tirésias se cansa e o responde:

Tirésias:
 Pois ouve bem: és o assassino que procuras! (SÓFOCLES, 497 a.C – 496 a.C)

Entre diversas conversas e falas com Creonte e Jocasta, aparece um mensageiro de Corinto afirmando que Pôlibo, pai de criação de Édipo morreu por causas naturais, então a conversa continua e o mensageiro afirma para Édipo que Pôlibo não era seu pai de sangue e que o pastor que o encontrou com os pés amarrados o entregou para esse mensageiro e concedeu Édipo para os braços de Pôlibo, que o tratou como filho e nunca revelou a verdade.

Édipo, atordoado, busca resposta e pede para que seus escravos tragam ao seu palácio o pastor que o encontrou até que Jocasta compreende que, de fato, seu filho matou o próprio pai e se casou com sua própria mãe. Um criado entra em cena e conta para Corifeu “Jocasta não existe mais, nossa rainha!” e conta que “com as próprias mãos ela deu fim à existência”. Édipo encontra sua mãe e esposa Jocasta morta e retira de suas roupas broches de ouro, sem pensar duas vezes fura seus olhos indignado, pois, por mais que tenha fugido do seu destino ele esteve sempre presente.

Figura 03: Édipo com os olhos feridos



Fonte: Library (2021)

Por que essa peça de Sófocles inspirou Freud para conceituar o complexo de Édipo? Onde o complexo de Édipo se encaixa na problemática desta pesquisa? Começemos explicando então esse conceito. Esse complexo aparece na teoria da sexualidade de Freud, onde o complexo entra em um vínculo entre mãe, pai e filho. Basicamente, Freud coloca os ciúmes do filho menino sobre a mãe e uma rivalidade com o pai, pois quando crianças somos apaixonados pelas nossas mães e sentimos ciúmes de nossos pais, segundo Freud, o contrário acontece com as meninas. Portanto, ocorre um apaixonamento das crianças pelo progenitor do sexo oposto.

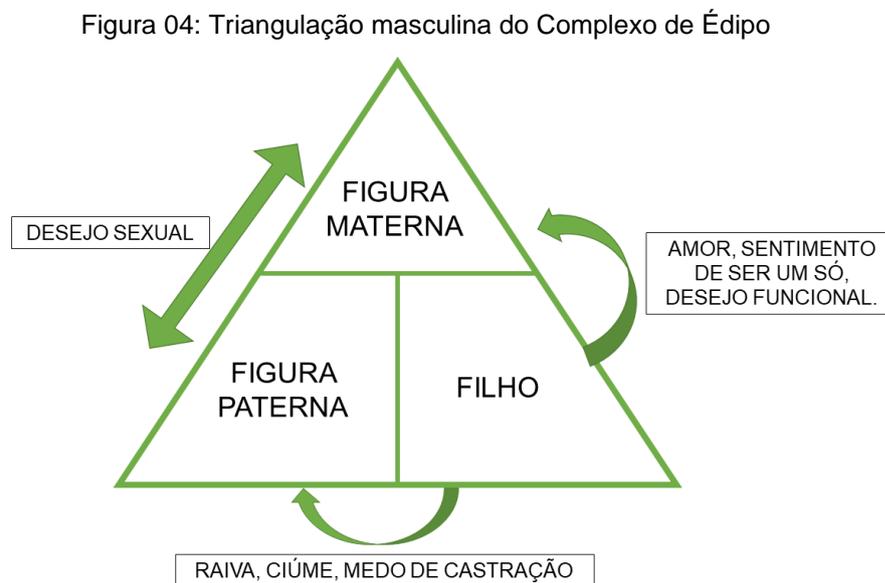
Além disso, respeita-se todos os tipos de sexualidade existentes, porém na época Freud não os colocou em pauta no seu estudo, apesar de ter sido muito criticado por outros autores. Para esse estudo seguiremos com o tradicional conceito do Complexo de Édipo e o mito do Édipo Rei.

Para um maior entendimento relacionado às questões levantadas por Freud, podemos pegar mitos gregos derivados de nomes utilizados em suas teses, visando uma maior compreensão do que se é dito. Assim, a exemplificação do mito de Édipo

visa trazer um maior entendimento do complexo que vem a servir de exemplo para a ponte entre Geografia e Psicanálise.

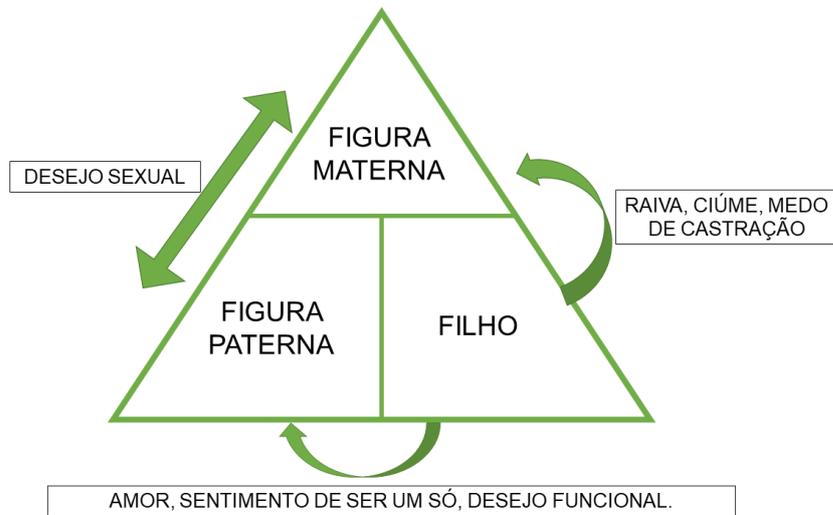
Segundo Everardo P.G. Rocha (1981, p. 175), a noção mais ampla do que seria um mito é justamente uma narrativa, uma fala, um discurso, utilizado pelas sociedades representarem suas dúvidas e inquietações sobre acontecimentos mundanos. O mito de Édipo, segundo Everardo, que influenciou o Complexo de Édipo, ainda foi muito utilizada por outros psicanalistas como Jung que não se cansa de interpretar mitos. Para Jung, segundo Everardo, os mitos estão todos numa região da mente humana, a que chama inconsciente coletivo, uma espécie de repositório que todos possuímos da experiência coletiva. Nesse lugar os mitos se encontram (ROCHA, 1981, p. 178). O que se entende é que os discursos sobre os mitos fazem parte da ideia de que estes podem ser interpretados.

Freud expõe as 4 fases da vida psíquica de uma criança, são essas: a) fase oral; b) fase anal; c) fase fálica; d) fase de latência. O complexo de Édipo se apresenta na fase fálica que, segundo Freud, se desenvolve entre os 3 e 4 anos de uma criança até aproximadamente seus 6 anos, para ilustrar melhor, Freud expõe o complexo como uma triangulação desta forma:



Elaboração: GOLINSKI, 2022

Figura 05: Triangulação feminina do Complexo de Édipo



Elaboração: GOLINSKI, 2022

Vale ressaltar que o complexo de Édipo não ocorre no nosso consciente, ou seja, no conhecimento da nossa existência, mas sim no inconsciente, tal como as fases sexuais da vida das crianças. O autor divide nossa mente, primeiramente em: a) consciente; b) pré-consciente e c) inconsciente. Posteriormente ele surge com outra teoria presente no livro *O ID e o EGO*, publicada em 1923 e conhecida como sua segunda tópica.

Figura 06: Esquema sobre ID, EGO e SUPEREGO



Elaboração: GOLINSKI, 2022

Talvez entender a sexualidade de uma criança seja complicado no momento em que confundimos a palavra sexo com sexualidade, porém ressalta-se:

“As relações do filho com sua mãe são para ele uma fonte contínua de excitação e satisfação sexual, a qual se intensifica quanto mais ela lhe der provas de sentimentos que derivem de sua própria vida sexual, beijá-lo, niná-lo, considerá-lo substituto de um objeto sexual completo. Seria provável que uma mãe ficasse bastante surpresa se lhe dissessem que assim ela desperta, com suas ternuras, a pulsão sexual do filho. Ela acha que seus gestos demonstram um amor assexual e puro, em que a sexualidade não desempenha papel algum, uma vez que ela evita excitar os órgãos sexuais do filho mais que o exigido pelos cuidados corporais. Mas a pulsão sexual, como sabemos, não é despertada apenas pela excitação da zona genital; a ternura também pode ser muito excitante” (FREUD *apud* NASIO, 2007, p.9).

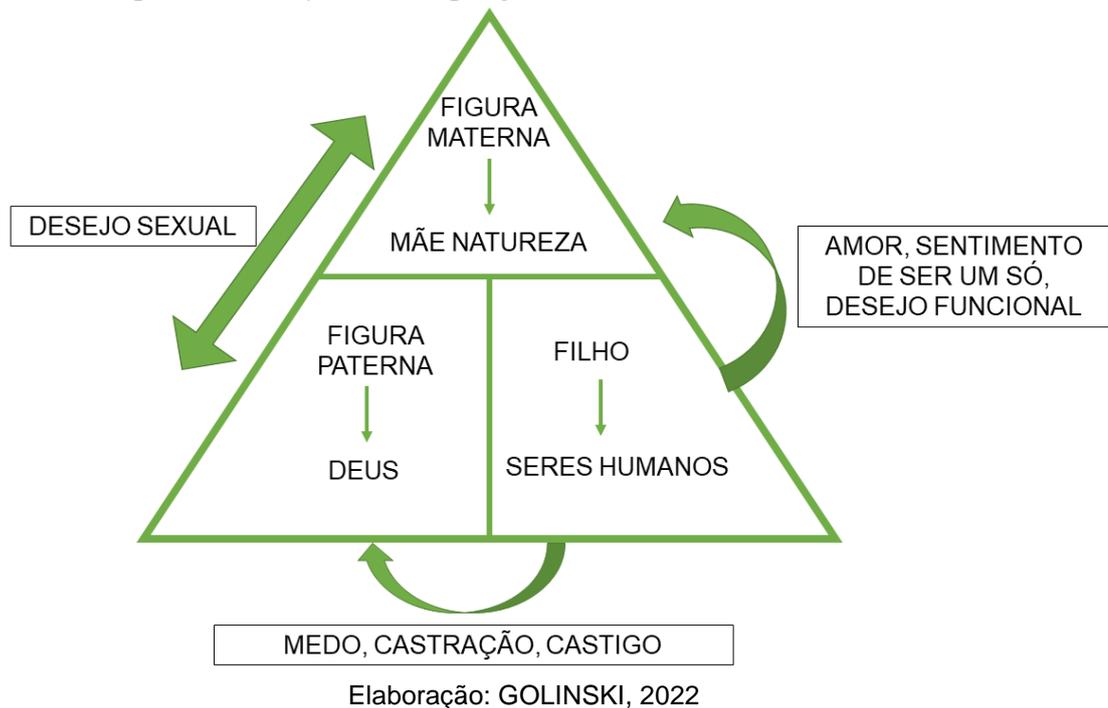
E quando ocorre a crise edipiana o que acontece com a criança? Segundo Nasio, a crise edipiana é um insuportável conflito entre o prazer erótico e o medo, entre a exaltação de desejar e o medo de se consumir nas chamas do desejo (2007, p. 11). O autor pontua que quando essa crise ocorre, a criança passa pelo momento de alegria e angústia, o que faz com que ela apague da sua memória e esqueça tudo, contudo o Édipo continua em seu inconsciente.

No Édipo, é a primeira vez na vida que dizemos ao nosso insolente desejo: “Calma! Fique mais tranqüilo! Aprenda a viver em sociedade!” Assim, concluímos que o Édipo é a dolorosa e iniciática passagem de um desejo selvagem para um desejo socializado, e a aceitação igualmente dolorosa de que nossos desejos jamais serão capazes de se satisfazer totalmente (NASIO, 2007, p. 12).

Portanto, a comparação que podemos fazer com Édipo de Sófocles e Édipo de Freud seria justamente o desejo e amor de Édipo por Jocasta sem saber que é sua mãe de sangue (o que fica no inconsciente do sujeito) e quando isso vem à tona (ao consciente), o superego legislador faz com que Jocasta retire sua própria vida por ter satisfeito um desejo selvagem e ter ido contra as leis morais. Podemos interpretar que quando Édipo fura seus olhos seria justamente numa tentativa desesperadora de esquecer tudo o que aconteceu.

O Complexo de Édipo é desesperador, principalmente quando não resolvido pelas crianças, contudo, como falaremos sobre a natureza nos coloquemos na seguinte triangulação:

Figura 07: Exemplo de Triangulação da Neurose Sociedade-Natureza



Percebe-se que os seres humanos ficam em dois lugares na triangulação, na figura paterna e no filho, portanto entende-se que os próprios seres humanos ao mesmo tempo que amam a mãe natureza, começam a ter raiva uns dos outros pela destruição desta grande mãe. Disso pode surgir o desespero de pessoas que lutam contra canudos plásticos, por exemplo.

Campanhas como a *For a Strawless Ocean* (Por um Oceano sem Canudinhos), iniciada por uma ONG de Seattle, nos EUA, e responsável pela hashtag #StopSucking (em inglês, há duplo sentido: “pare de chupar” e “para de ser desagradável”), começaram a alimentar a discussão sobre o tema e acabaram encampadas por personalidades como o ator Russell Crowe e o astro do futebol americano Tom Brady, marido de Gisele Bündchen (BERTONI, 2018).

A preocupação com a natureza é absolutamente digna, mas de qual natureza estamos falando? Apenas da vida marinha? A questão do canudo de plástico veio muito em alta no momento em que aparece um vídeo de uma tartaruga com um destes preso em suas narinas, então começa a grande comoção e surgem canudos de inox, canudos biodegradáveis em *fast-foods* e realmente o superego legislativo em nossa mente nos alertando de uma nova lei “não utilize canudos plásticos”.

Figura 07: Retirada de um canudo de plástico da narina de uma tartaruga marinha.



Fonte: Revista Galileu (2018)

Nosso desespero para/com a natureza diz respeito a qual natureza, aquela que nos colocamos como parte ativa ou aquela que nem nos colocamos como parte? Aquela que enxergamos como algo além de nós? Onde o ser humano está a parte desta? Por que o combate à fome, por exemplo, não é tão noticiada pela mídia? São questões a serem refletidas.

Em que medida estas atitudes são desvios de foco quanto a um possível problema ambiental mais urgente? Uma sociedade que conta com justiça socioeconômica, por exemplo, não seria “naturalmente” conduzida a práticas ecológicas mais conscientes, na medida em que teríamos pessoas com maior acesso à educação de qualidade?

O canudo biodegradável, por exemplo, está nas lanchonetes *fast-food*, mas, o *fast-food* ainda existe! Então, a iniciativa é verdadeiramente solucionadora de um problema ou um estandarte, uma panfletagem, uma propaganda enganadora? Uma ilusão?

4. ILUSÃO E NARCISISMO

O futuro de uma Ilusão, obra escrita por Sigmund Freud em 1927, esta que tem como objetivo críticas às religiões, uma obra cheia de racionalismo e um foco em uma educação racional em detrimento da educação ilusória. Mas o que seria essa Ilusão?

Para Freud, a criação de deuses e de religiões é uma ilusão concebida para lidarmos com nossos medos, estes que nos acompanham desde a infância. Coloquemos aqui o exemplo clássico e visível: o amor anaclítico. Para Freud, existem dois tipos de amor, o narcísico e o anaclítico (1997, p. 38), portanto, quando citamos este último nos referimos ao amor materno e/ou paterno, nós amamos nossos pais que, em teoria, seriam as primeiras pessoas a nos cuidarem e protegerem. Quando crescemos e saímos deste acolhimento materno e/ou paterno nos deparamos com a natureza e sua força esmagadora para cima de nós.

Portanto, Freud (1997, p. 34) nos revela a tentativa de explicitar que a religião surge da mesma demanda de outras realizações de uma civilização, isto seria a necessidade de proteção contra as forças da natureza. Dito isto, Freud acrescenta, quando o homem personifica as forças da natureza está mais uma vez seguindo um modelo infantil (1997, p.37), modelo este de busca por proteção, por amparo ou misericórdia. Nas palavras de Freud: "(...) é, de fato, natural ao homem personificar tudo o que deseja compreender, a fim de, posteriormente, controlá-lo (a dominação psíquica como preparação para a dominação física) (...)" (FREUD, 1997, p.36). Mas como a personificação da natureza pode nos amparar?

A partir do momento que personificamos algo com o intuito de controle nos sentimos mais protegidos, justamente pela ilusão de termos equilíbrio, gestão e poderio sobre algo. A partir disto começamos a pensar em crenças de cunho religioso, quando nuvens de tempestade e ventanias se aproximam de nossas casas, há um intento em executar rezas pedindo para divindades que nos protejam desta força, ou seja, uma forma de obter o controle sobre a natureza rezando.

À vista disso, a ilusão pode nos parecer como um erro, algo negativo, porém é o contrário disso. As ilusões não precisam ser necessariamente falsas, ou seja, irrealizáveis ou em contradição com a realidade (FREUD, 1997, p. 49). A ilusão é um desejo, e um desejo não precisa ser falso, até porque as ilusões vêm de desejos básicos da humanidade, estes que estão arraigados na psique humana, o desejo do controle.

Isto posto, imaginemos a natureza como uma religião em consonância à todas as civilizações. A maior das ilusões dos seres humanos é o intuito de se colocar no controle da natureza. Achar que, por sermos capazes de construir obras faraônicas, temos um poder maior do que o desta; essa é uma grande ilusão da nossa mente. Vivemos a neurose de achar que a natureza serve apenas como recurso para nossos desejos.

Como Freud aponta, a religião seria a neurose obsessiva universal da humanidade; tal como a neurose obsessiva das crianças, ela surgiu do complexo de Édipo, do relacionamento com o pai (1997, p. 69). Indispensável que conceituemos a neurose. Na psicanálise clínica são diversas neuroses já conceituadas e existentes, contudo, a neurose que nos importa e conceituada por Freud é a obsessiva. Esta neurose trata do conflito de desejos do nosso inconsciente. A neurose aparecia como o desfecho de uma luta entre o interesse da autopreservação e as exigências da libido⁷, uma luta que o Eu vencera, mas ao custo de severo sofrimento e renúncia (FREUD, 2020, p. 63). Juntamente com esse conceito, Freud em *O Mal-Estar na Civilização* nos apresenta o narcisismo. (...) A compreensão de que o próprio Eu se acha investido de libido, constitui mesmo o reduto original dela, e em certa medida permanece com seu quartel-general (FREUD, 2020, p. 63), ou seja, ao invés de contermos nossos desejos por objetos, investimos a libido nestes.

O mito de Narciso escrito por Ovídio (43 a.C.-18 d.C.) em sua obra *Metamorfoses*, conta a história deste menino Narciso, filho da ninfa Liríope e do Deus dos Lagos Céfiso. Narciso nasceu com sangue divino e, como conta a história, muito charmoso e bonito. Sua mãe, Liríope, ainda quando Narciso era criança chama Tirésias, o profeta, para saber o futuro de seu filho. O profeta afirma então que o futuro reservaria a Narciso sucesso e glória, desde que ele nunca visse o próprio rosto. Quando Liríope ouve isto do profeta, trata de esconder ou jogar fora todos os objetos metálicos para que seu filho não visse o próprio rosto.

Narciso cresceu e virou um jovem apaixonante, por onde passava roubava o coração de mulheres e homens, porém ele sempre foi muito arrogante e egocêntrico, não achava que as pessoas seriam dignas de seu amor ou de sua atenção. Até que

⁷Freud chamou de libido a energia que dirigimos aos objetos de nossos desejos. E chamou de interesse qualquer demanda em prol da auto conservação. Libido é a comichão que se sente quente e pulsante nas veias. É um esforço que busca a satisfação na ligação com o objeto, enquanto o interesse é apenas aquilo que necessitamos para sobreviver.

um dia, passeando pelos bosques se encontra com uma ninfa, que já fora amaldiçoada pela Deusa Hera por falar muito e sempre dar a última palavra. Porém como Narciso não dava atenção a ninguém continuou andando. A ninfa o seguiu e quando ele percebeu começou a fazer perguntas e seguir a voz da ninfa. Resumindo, ao ir em direção a ela, encontra um lago e se agacha para beber água, vendo seu reflexo no lago ele se apaixona e fica eternamente se admirando até definhar e morrer ali mesmo, apaixonado por si.

Figura 08: Narciso, por Caravaggio



Fonte: Martins (2019)

Como o complexo de Édipo é inspirado no mito de Édipo, o mesmo acontece com o transtorno de personalidade narcisista. O narcisismo neste trabalho tem importância fundamental, sempre lembrando que não podemos fazer diagnósticos de narcisistas, mas tendo a ideia principal de que todos nós temos um traço de narcisismo.

O narcisismo começa nos espelhos – no espelho que é a mãe, cujos olhos cintilantes e sorriso receptivo refletem encanto pelo filho; o salão dos espelhos sedutores mas claustrofóbicos dos pais superprotetores; o espelho frio e sem vida que o suicida encara num banheiro vazio; a lâmina e água que se desfaz em milhares de formas quando Narciso, em vão, se aproxima para tocar seu reflexo (HOLMES, 2005, p. 05)

O autor ainda pontua o narcisismo coletivo ou grupal e que estes estão por trás de fenômenos diversos, como a superioridade de uma raça, nisto o narcisismo individual pode vir a ser legitimado ou contido pela devoção a um líder carismático (HOLMES, 2005, p. 09).

A interpretação aqui feita é de que nos apropriemos do narcisismo coletivo para a salvação de uma natureza, os exemplos demonstrados vão de oceanos, abelhas, queimadas e aquecimento global. Portanto, partindo destes exemplos é possível levantar que este grupo de pessoas pode ser devoto de um líder carismático que, neste caso, seriam os ativistas ambientais ou suas organizações.

Coloca-se a hipótese de que outra face da ilusão de controle da natureza é achar que temos o poderio sobre ela, mas, desta vez, salvando-a: “Salvem as Baleias”, “Salvem as Florestas”, “Salvem a natureza” são gritos que ecoam por todos os lugares. Isto por conta justamente do nosso desejo de controle sobre algo que não temos ideia da dimensão, por mais que, quando tratando-se da natureza, esquecemos que fazemos parte dela. Freud (1997, p. 21) aponta:

As pessoas estarão prontamente inclinadas a incluir entre os predicados psíquicos de uma cultura os seus ideais, ou seja, suas estimativas a respeito de que realizações são mais elevadas e em relação às quais se devem fazer esforços por atingir. Parece, a princípio, que esses ideais determinam as realizações da unidade cultural: contudo, o curso real dos acontecimentos parece indicar que os ideais se baseiam nas primeiras realizações que foram tornadas possíveis por uma combinação entre os dotes internos da cultura e as circunstâncias externas (...). A satisfação que o ideal oferece aos participantes da cultura é, portanto, de natureza narcísica; repousa em seu orgulho pelo que já foi alcançado com êxito.

Quando Freud coloca a questão da natureza narcísica, podemos pensar em certos ambientalistas que, carregam um orgulho muito grande - e ilusório - de que o trabalho que fazem salva a desprotegida natureza dos “monstros” que são os humanos.

Utilizamos do nosso ego ou do nosso narcisismo para, de certa forma, ampararmos uns aos outros na questão da salvação e até mesmo do pós vida. Assim

como Holbach, Freud é um grande crítico da religião, colocando em seu livro a seguinte citação:

Quanto a questões de religião, as pessoas são culpadas de toda espécie possível de desonestidade e mau procedimento intelectual. Os filósofos distendem tanto o sentido das palavras, que elas mal retêm algo de seu sentido original. Dão nome de “Deus” a alguma vaga abstração que criaram para si mesmos e, assim, podem posar perante todos como deístas, como crentes em Deus, e inclusive gabar-se de terem identificado um conceito mais elevado e puro de Deus, não obstante significar seu Deus agora nada mais que uma sombra sem substância, sem nada da vigorosa personalidade das doutrinas religiosas (FREUD, 1997, p. 52).

Entendemos, assim, que vivemos dentro de uma bolha ilusória onde tratamos a natureza como algo isolado de nós e que precisamos salvá-la para que um ser superior nos salve posteriormente por termos alcançado o objetivo de a proteger.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perto de concluir este trabalho, retomamos a questão do desespero. Para o filósofo dinamarquês Kierkegaard, o desespero está relacionado aos conflitos existenciais que temos durante toda a nossa vida, a ideia da morte, a ideia de se estar sozinho, a ideia da futilidade, a procura por algo que talvez nos faça sentir menos desesperados. O ser-humano como fugitivo dele mesmo. Afinal de contas, quem nunca quis fugir de si mesmo?

Portanto, o desespero pode estar relacionado com a questão de uma certa inutilidade da vida. Sísifo, o grande fundador e rei de Éfira, posteriormente chamado de Corinto, enganou tantos deuses e foi castigado pela eternidade. Castigo esse: rolar uma rocha extremamente pesada até o topo de uma montanha. Contudo, toda vez que Sísifo chegava ao topo, a rocha rolava até o chão novamente, portanto ele teria que descer a montanha, pegar a rocha e subir com ela novamente e assim sucessivamente para toda eternidade.

A relação com esse mito é justamente a ideia de que estamos sempre em busca de algo que nos faça sentir menos inútil nessa imensidão que é a vida, nos faça sentir menos desespero.

Com este trabalho, procuramos problematizar a relação sociedade-natureza, um objeto de estudo da Geografia, na perspectiva de leituras psicanalíticas. Nossa intenção foi considerar que esta relação (sociedade-natureza) talvez seja o reflexo de atitudes inconscientes, por meio das quais nós, seres humanos, elaboramos ideias de controle da natureza, seja para o bem, seja para o mal.

Quando nos deparamos com os grandes impactos provocados pelo ser humano, como são os desmatamentos, a poluição do ar e das águas, os envenenamentos de espécies, as queimadas etc. entendemos que as preocupações, por exemplo, de ambientalistas, políticos ou da sociedade como um todo, são válidas e requerem atenção. O modo impactante do uso daquelas partes da natureza que são chamadas de recursos é, de fato, bastante preocupante, principalmente, quando se pensa que a escassez acaba sendo um problema para quem não tem dinheiro para conseguir se alimentar e se proteger das dinâmicas naturais.

Propomos que as problemáticas ambientais com as quais temos que lidar nos dias de hoje são resultados de um modelo econômico que está nas mãos de uma

sociedade que tenta controlar a natureza para fugir do medo que sente diante da certeza (recalcada) de que a natureza não tem controle. Por outro lado, a boa intenção de salvar a natureza está no mesmo patamar de ilusão: ao tentarmos salvar algo que dispensa salvação, também operamos com o mesmo mecanismo de recalque daqueles mais inclinados a causar os impactos, ou seja, continuamos operando com uma lógica ilusória de que a natureza é dependente do ser humano e de suas vontades ou, até mesmo, de forças que, na realidade, não temos.

Kierkegaard já nos mostrou que o desespero é que demarca a nossa condição humana. Somos frágeis e mortais, sabemos disso. Mas, não lidamos bem com isso. Por alguma razão criamos mecanismos de defesa que nos confortam. A tecnologia dá a impressão de que não somos dependentes da natureza, assim como a vida urbana, o domínio de técnicas agrícolas, os velozes meios de transporte que nos permitem vencer montanhas, abismos, lagos, rios e oceanos. Porém, nada disso ainda é capaz de nos livrar da morte (empurramos a rocha de Sísifo).

Isso pode ser desesperador? Sim, bastante. Contudo, podemos adotar outras posturas diante do enigma da natureza: identificar, enfrentar e ressignificar as nossas ilusões nas relações que temos com a natureza. Assim como só conseguimos amadurecer quando nos libertamos das representações que criamos de nossos pais, precisamos amadurecer com a libertação das representações/ilusões que criamos com relação à natureza. Se a humanidade caminhar neste sentido, talvez, um dia, não tenhamos tantas guerras, tanta ganância e tanto desrespeito uns com os outros. A natureza já nos matou!

6. REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.
- AVILA, Fabio Rodrigues de. **Natureza e imanência: o sistema natureza de holbach**. 2016. 215 f. Dissertação (mestrado) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, 2016
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Persona, 1977. 225 p.
- BERTONI, Estevão. **Canudos plásticos**: eles foram eleitos vilões, mas problema vai bem além. 2018. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Meio-Ambiente/noticia/2018/08/canudos-plasticos-eles-foram-eleitos-viloes-mas-problema-vai-bem-alem.html>. Acesso em: 16 jun. 2022.
- FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- HOLBACH, Barão de. **Sistema da Natureza ou Das Leis do Mundo Físico e do Mundo Moral**, tradução Regina Schöpke, Mauro Baladi, 1º Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2010 – (Coleção Tópicos).
- KIERKEGAARD, S. A. (2002) **O Desespero Humano**. (A. Martins) São Paulo: Martin Claret.
- LACOSTE, Yves. **A geografia**: Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas, SP: Papyrus, 2011
- LIBRARY, LI (ed.). **Édipo Rei (Ilustrado) (Trilogia Tebana Livro 1) (Portuguese Edition)**. Disponível em: <https://www.amazon.co.uk/%C3%89dipo-Ilustrado-Trilogia-Tebana-Portuguese-ebook/dp/B00CFT4S4I>. Acesso em: 23 dez. 2021.
- MARTINS, Simone. **NARCISO, CARAVAGGIO**. 2019. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/narciso-caravaggio/>. Acesso em: 01 ago. 2022.
- PAIVA, Daniel. TEORIAS NÃO-REPRESENTACIONAIS NA GEOGRAFIA I: conceitos para uma geografia do que acontece. **Finisterra**, [S.L.], v. 52, n. 106, p. 159-168, 8 jan. 2018. Centro de Estudos Geograficos (IGOT) Universidade de Lisboa. <http://dx.doi.org/10.18055/finis10196>.

- PEACE, Green. **#SejaVoluntário**. 01 dez. 2021. Facebook: GreenPeace Brasil. Disponível em: <https://www.facebook.com/GreenpeaceBrasil/photos/10158524260577543>. Acesso em: 23 jun. 2022.
- PRABHUPADA, A. C. Bhaktivedanta Swami. **Luz do Bhāgavata**: descrições do outono. 5. ed. S.L: The Bhaktivedanta Book Trust, 2016.
- RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. Metodologia da pesquisa aplicável às Ciências sociais. In: BEUREN, I. M. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade**: teoria e prática. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2004, p. 76-97
- SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. **ANÁLISE DE CONTEÚDO: EXEMPLO DE APLICAÇÃO DA TÉCNICA PARA ANÁLISE DE DADOS QUALITATIVOS**. Qualitas, Campina Grande, v. 17, n. 3, p.1-14, set. 2017. Disponível em: <<http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113/1403>>. Acesso em: 28 abr. 2018.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.